

ETNOGRAFIA COM TRABALHADORES (AS) “TEMPORÁRIOS”: MOBILIDADE CIRCULATÓRIA NA REGIÃO DA CAMPANHA (RS)

Rosilene Oliveira Silva¹; Guilherme André Aderaldo²

¹Universidade Federal de Pelotas – rosilenesilva87@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – guiade@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade apresentar os resultados parciais da pesquisa que está sendo desenvolvida sobre a mobilidade, no caso de trabalhadores (as) do trecho¹, na cidade de Candiota. Desta forma, visa compreender sobre o fenômeno migratório e acerca do trabalho temporário, pautando-se na análise da mobilidade realizada por esses grupos, trazendo as narrativas (ROCHA E ECKERT, 2013) como recurso de pesquisa para entender a maneira pelas quais os trabalhadores (as) de grandes projetos da indústria de mineração fazem durar no tempo a relação de pertencimento na cidade de Candiota.

A inserção etnográfica em Candiota teve por objetivo analisar as relações de trabalho dos trabalhadores (as) do trecho, a partir de suas trajetórias e estratégias envolvidas no trabalho temporário durante as obras da usina, manutenção das estatais², e o período de safra de uva e oliveiras. Candiota tornou-se referência por conta das obras do empreendimento da usina termelétrica (BEZERRA, 2018, BROZ, BEZERRA, 2014) que está localizada no sudoeste do estado do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai; região conhecida como Campanha Gaúcha.

Além disso, a proposta dialoga com trabalhos relacionados à mobilidade nesse sentido, onde a compreensão de andanças populares (GUEDES, 2011) é correspondente à realidade do município gaúcho; lugares de gente que anda entre cidades e bairros, dentro e fora da região. Dessa maneira, suas trajetórias estabelecem territórios circulatórios (TARRIUS, 2000), incluindo origem, lugares onde trabalham, além de possíveis outros destinos relacionados ao trabalho em distintas atividades. Nesse contexto, tais características se relacionam aos grupos sociais definidos a partir das origens, não sendo necessariamente expressas por todos (as) que se engajam na mobilidade para o trabalho nas obras de grandes empreendimentos.

2. METODOLOGIA

Os dados etnográficos apresentados são resultantes das idas a campo, realizadas de janeiro a fevereiro de 2023. Durante o primeiro período foram realizadas caminhadas (CERTEAU, 1994) pela cidade. O caminho e suas feições foram escolhidos para essa partilha, indicando um percurso na cidade de Candiota. Nesse aspecto da cidade em processo de se fazer, como define (AGIER, 2015), a intenção é compreender as características do movimento em suas dimensões, isto

¹ Termo denominado pelos candiotenses, forasteiros e/ou trabalhadores(as) de firmas empreiteiras (Diário de campo, 2023).

² Melhor continuidade operacional e ampliação de produção da energia elétrica (Diário de campo, 2023).

é, dos trabalhadores(as) do trecho, em particular nesses ambientes no movimento econômico e populacional, que são as fronteiras urbanas. Com a implantação das indústrias, originou-se uma cidade polinucleada, formada por vários núcleos urbanos, e com uma distância, entre eles, de 5 a 25 km.

Por outro lado, ao tratar de uma etnografia das mobilidades, o entendimento central discutido na obra "Os argonautas do Pacífico Ocidental", o Kula (MALINOWSKI, 2018) leva em consideração argumentos não apenas sobre a circulação das coisas, mas, principalmente, das pessoas em movimento, e das mobilidades necessárias a essas trocas (as "viagens" dos trobriandeses). Nesses termos, as práticas de mobilidade, no contexto de Candiota, são associadas ao movimento em busca de trabalho, relacionando às trajetórias de trabalhadores (as) do trecho. À vista disso, o tema mobilidade pensado na perspectiva de Tim Ingold, que trata a primazia do movimento, "[...] é falar que os movimentos são primeiros, tanto no sentido cronológico quanto no ontológico" (INGOLD, 2011, p. xii *apud* GUEDES; VIDAL E SOUZA, 2021, p. 15). Portanto, refletindo que esses cenários são construídos pelas formas de deslocamento de suas histórias migratórias e as conexões atuais na cidade de Candiota.

Assim, além da entrevista aberta, o método escolhido para esse estudo é a observação participante, (FOOTE-WHYTE, 1980) que se realizou com a minha presença em restaurantes, *pubs* e bairros, frequentados habitualmente pelos grupos deste estudo, no qual observei atentamente os cenários, a fim de compreender a dinâmica de seus quotidianos.

No processo de construção da pesquisa, há conversas com os moradores(as), caminhadas pela cidade, e deslocamento de ônibus e/ou uber, que proporcionaram ser surpreendida pelo inesperado, por outras formas de demonstrar os espaços, de estar entregue a uma observação flutuante (PÉTONNET, 2008). É inserida neste meio urbano e registrando as situações etnográficas no caderno de campo que prossigo o meu fazer antropológico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira termelétrica inaugurada na cidade em 1961, foi um empreendimento projetado para garantir a industrialização no país, tendo como objetivo o aproveitamento do carvão mineral da região e a facilidade logística, uma vez que a mineração é a céu aberto. Desde então, o governo federal estabeleceu quatro usinas termelétricas, das quais permanece apenas uma em atividade, denominada Fase C (CENTENO, 2011). Há outra térmica à carvão no município, a Pampa Sul, construída e gerida pela iniciativa privada.

Ao longo de sua história o município recebeu, e ainda recebe, migrantes oriundos da região, das regiões sudeste e nordeste do país, imigrantes, italianos, espanhóis, franceses, alemães e chineses. Durante as obras das usinas termelétricas a cidade chega a receber quatro mil trabalhadores(as), e conforme a narrativa dos moradores (as), *o município não tem como comportar tantos trabalhadores (as), pois, apesar de alojamentos instalados pelas empresas, há diariamente filas de ônibus das cidades em torno, que buscavam centenas de funcionários (as). Os trabalhadores (as) vêm e vão para Pinheiro Machado, Hulha Negra, Pedras Altas e Bagé* (Diário de campo, 12/01/ 2023).

Com a finalização da obra da usina Fase C (2011) e a Pampa Sul em (2019), a cidade seguiu recebendo trabalhadores (as) para a manutenção das usinas térmicas (Fase C, Pampa Sul) e Intercement (indústria cimenteira). Com a implantação das vinícolas e plantação de oliveiras, a cidade além de receber

trabalhadores(as) nas empresas mineradoras e cimenteira, recebe também os safristas, conforme a narrativa dos moradores (as), *que quem não consegue vaga nas indústrias no período de manutenção, vai para as colheitas de uva e oliveiras* (Diário de campo, 09/02/2023).

Na narrativa da moradora Antônia³, *quando as obras terminam, permanecem apenas os funcionários(as) da Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil, da InterCement, da Companhia Riograndense de Mineração e da Usina Termelétrica Pampa Sul* (Diário de campo, 15/01/2023). Era assim que os moradores (as) de Candiota, constantemente, descreviam este lugar, quando estive lá para em trabalho de campo, para a tese de doutorado. Uma cidade de aposentados (as), *se não tiver usina, vai virar uma cidade-fantasma, um lugar parado*. Tais comentários são a respeito do que se passou ali ao longo dos anos, nos períodos de 2011 a 2019, devido às construções de duas usinas termelétricas, como por exemplo, Fase C e Pampa Sul.

4. CONCLUSÕES

Os contextos de mobilidade apresentados revelam um atravessar constante na cidade de Candiota, no período de obra de grandes projetos de mineração, manutenção das indústrias térmicas e cimenteira, bem como o deslocamento de funcionários (as) das estatais que vão e vêm todos os dias para Candiota, e no período das colheitas de uva e oliveiras. O principal aspecto a ser observado são as mobilidades e os territórios circulatorios, que fazem de Candiota uma série de lugares produzidos por relações em que vivem esses encontros, considerando no contexto de trabalho nas mineradoras, durante a safra, obras de empreendimento, e período de manutenção das indústrias.

Diante do exposto, pode-se constatar que, com a construção de grandes obras de geração de energia elétrica, há um fluxo intenso de trabalhadores(as) em busca de novas oportunidades de emprego, seja formal ou informal. A maneira pela qual esses grandes projetos estão sendo gestados causa um aumento expressivo da população sobre a cidade que não é preparada para receber a demanda em busca de empregos, e os que não residem no município, vão e vêm todos os dias de outras cidades próximas de Candiota.

Apesar deste estudo ainda estar em andamento, percebe-se que a mobilidade está repleta de experiências vividas e socialmente construídas no município de Candiota. Através das narrativas pode-se constituir uma ferramenta metodológica significativa de análise e reflexões de trabalhadores (as) que se deslocam de territórios diferentes, e que buscam integrar um novo contexto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, 21(3), p 483-498. 2015.

BEZERRA, Marcos Otávio. “Grandes Empreendimentos”, Pertencimento Local e Gestão de Acesso ao Trabalho. **Repocs**, v.12, n.23, jan/jun. 2015.

BRONZ, Deborah; BEZERRA, Marcos Otávio. “Grandes empreendimentos”,

³ Visando garantir a privacidade, foram atribuídos nomes fictícios aos participantes da pesquisa.

administração pública e populações. **Revista Antropolítica**, n. 37, p. 131-136, Niterói, 2. sem. 2014.

CENTENO, A. **Carvão, energia e trabalho**: Candiota 50 anos. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2011.

CERTEAU, Michel de. “Caminhadas pela cidade”. In CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer** (Vol 1). P. 169-175.1994.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GUEDES, André Dumans. O trecho, as mães e os papéis. **Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

GUEDES, André Dumans; VIDAL E SOUZA, Candice (org.). Antropologia das Mobilidades. **ABA Publicações**. Brasília, 2021; p.8-25.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ubu Editora, [1978] 2018.

PÉTONNET, C. A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense. 1982. Traduzido por Soraya Silveira Simões. **Antropolítica**, n. 25, p. 99-111, 2008.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. In: ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. (Ed.). **Etnografia da Duração**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. p. 105-127.

TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar las circulaciones migratorias: conveniencia de la noción de “territorio circulatorio”. **Los nuevos hábitos de la identidad**. Relaciones, v. 21, n.83, p. 37 –66, 2000.